

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

JAISON CASAGRANDE BENEDET

**ATIVIDADES LÚDICAS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO
INFANTIL**

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2011.

JAISON CASAGRANDE BENEDET

**ATIVIDADES LÚDICAS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora Prof. Mcs: Elisa Fátima Stradiotto

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2011.

JAISON CASAGRANDE BENEDET

**ATIVIDADES LÚDICAS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Educação Física – licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Escolar Infantil.

Criciúma, 28 de novembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Elisa Fátima Stradiotto – Msc – (UNESC) - Orientador

Prof. Jose Orion Bonotto – Especialista – (UNESC)

Prof.^a Maria Neiva Mezzari Borges – Especialista – (UNESC)

Dedico este trabalho a DEUS e minha família por sempre estarem do meu lado ajudando e incentivando, minha orientadora e a mim por ter me superado nas dificuldades encontradas neste primeiro passo de formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Muitas vezes pensei em parar, desistir, entretanto, reunia forças e consegui chegar até aqui, com muita satisfação, obrigado meu DEUS, com sua bênção consegui vencer.

Agradeço a meus pais Rubens e Eugenia, que sempre acreditaram em mim e me deram forças, creio que hoje sorriem orgulhosos ou como bem sei, choram emocionados, obrigado.

A meu irmão e meus amigos pela compreensão e força nesta caminhada; a minha namorada que muitas vezes me cobrou e deixamos de lado coisas em função do meu curso.

A meus colegas de trabalho, ao Sr. Antonio que muitas vezes me liberou do trabalho para cumprir tarefas referentes a meu curso.

Aos meus professores do curso, com certeza vou fazer ótimo uso de seus ensinamentos e os levarei comigo para sempre, aos amigos professores da banca examinadora por aceitarem o convite e participarem deste momento especial.

A professora Elisa que por vários fins de semana me orientou, e fez com que a cada dia compreendesse mais sobre o desenvolvimento deste trabalho.

A meus amigos fraternos do curso, para sempre em meu coração.

A minha Pakita (em memória) que por várias vezes me escutava desabafar.

Enfim, a todos que de certa forma contribuíram durante esta caminhada, não foi fácil chegar até aqui, mas sem vocês não teria sido válido nem prazeroso.

Muitíssimo obrigado.

.

“Ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade.”

Vygotsky

RESUMO

A referida pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de entender as Atividades lúdicas e as contribuições para a educação infantil, por ser essencial ao desenvolvimento físico, mental e emocional do educando. Os conceitos de infância e criança vêm evoluindo ao passar dos anos, passando desde os períodos onde não tinha nenhuma importância, até os dias de hoje quando a criança é vista como um sujeito de direitos. As escolas passam então a buscar maneiras de promover o desenvolvimento infantil. Baseado assim nas especificidades de cada criança, fazendo-se valer do lúdico enquanto uma ferramenta de otimização do desenvolvimento. Os brinquedos e os jogos consistem na expressão da alma infantil. Brincando a criança vivencia, descobre, cria, desenvolve suas habilidades e ultrapassa seus limites. Não faz de conta a criança reinventa o modo de ser dos adultos, trazendo para o seu mundo o que anseia. Dessa forma, o tema estabelecido foi **Atividades Lúdicas e as Contribuições para a Educação infantil**. A partir daí estabeleceu-se como problema: Como o lúdico pode contribuir para o desenvolvimento da educação infantil. Este recorte estabeleceu como objetivo geral: identificar as contribuições do lúdico para o desenvolvimento de crianças. Para alcançar o objetivo proposto a presente pesquisa estruturou-se em uma fundamentação teórica baseada em autores como: Vygotsky (1988-1992), Kramer (1999), Wallon (1975-1989), Piaget (1971-1998), Volpato (2002), Kischimoto (2000), Áries (1981), entre outros. Para realizar a coleta de dados utilizou-se como instrumento um questionário aplicado para quatro professores que constituíram uma amostra simples intencional. Os dados foram analisados e comparados com as bibliografias utilizadas para melhor compreender a importância da vivência do lúdico como importante elemento no desenvolvimento infantil. Com a referente pesquisa esclareceu-se que a atividade lúdica é importante ferramenta no desenvolvimento da criança e no processo de ensino, porque na prática dos jogos, das brincadeiras e do fazer de conta, o fazer pedagógico no espaço escolar é uma constante, promovendo interação, criatividade e prazer. Tal pesquisa tem por iniciativa teórica defender uma prática pedagógica a partir da ludicidade, pois remete a transformação do espaço escolar em um espaço integrado, dinâmico, onde priorize não apenas o desenvolvimento da criança, mas abrange uma esfera para que ocorra a formação plena do indivíduo.

Palavras-chave: Ludicidade. Desenvolvimento. Criança. Jogo. Brincadeira.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Uma abordagem histórica sobre a criança	13
2.2 Conceito de infância através dos tempos	15
2.3 Educação infantil e suas leis	17
2.4 educação infantil e seu desenvolvimento	20
3 LUDICIDADE	23
3.1 Conceituando o lúdico	23
3.2 O benefício da ludicidade na educação infantil	25
3.3 O que é jogo	27
3.4 O faz de conta	29
4 BRINQUEDO	32
4.1 Brinquedo, brincadeira e sua história	32
4.2 Nas aulas de educação física, a importância do lúdico	34
4.3 O jogo e a educação infantil	37
4.4 Elementos que a criança desenvolve com o jogo	39
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	42
5.1 Metodologia	42
5.2 Caracterização da pesquisa	42
5.3 População dos sujeitos pesquisados	43
5.4 Amostra	43
5.5 Instrumentos para levantamento dos dados e sua operacionalidade...44	44
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	45
6.1 Compreensão da infância e seu desenvolvimento na educação infantil45	45
6.2 Ludicidade como prática pedagógica.....	49
6.3 O desenvolvimento educacional e o faz de conta	51
7 CONCLUSÃO	55
REFERENCIAS.....	57
APÊNDICE A - Quadro 1 – Dados de identificação profissional coletados sobre os professores	62
APÊNDICE A - Quadro 2 – Dados acerca dos conhecimentos dos profissionais questionados	62

ANEXO A 66
ANEXO B 67

1 INTRODUÇÃO

A lúdica é assunto que tem conquistado espaço no panorama nacional, principalmente na educação infantil, por ser o brinquedo a essência da infância e na sua vivência permite um trabalho pedagógico que possibilita a produção do conhecimento, da aprendizagem e do desenvolvimento.

Independente de época, cultura e classe social, os jogos e brinquedos são parte integrante da infância, a criança vive no mundo de fantasia, de alegria, é a fase do encantamento. Nesta fase a realidade e o faz-de-conta se confundem, apesar de as histórias de antigas civilizações mostrarem o contrário, fazendo com que a criança não viva esta fase.

Este trabalho irá esclarecer o quanto o “lúdico” pode ser um instrumento indispensável na aprendizagem, no desenvolvimento e na vida das crianças, tornando evidente que os professores e futuros professores devem e precisam tomar consciência disso além de outras questões sobre a relação do brincar com a aprendizagem e o desenvolvimento da criança.

No decorrer do curso de Licenciatura em Educação Física, alguns conteúdos trataram o lúdico como elemento indispensável para o desenvolvimento dos alunos e crianças, porém tais conteúdos não tiveram um aprofundamento satisfatório deste tema, mais especificamente nas crianças inseridas na educação infantil, sendo assim despertou-me legítimo interesse e curiosidade sobre tal assunto.

Este trabalho surgiu, portanto, da necessidade de um aprofundamento sobre esta temática. Neste sentido, esta pesquisa teve como **tema**: Atividades Lúdicas e as Contribuições para a Educação infantil.

O **problema** foi apontado a partir da seguinte interrogante científica: Como o lúdico pode contribuir para o desenvolvimento da educação infantil?

Apresentamos como **objetivo geral**: Identificar as contribuições do lúdico para o desenvolvimento de crianças. A partir do objetivo geral tracei os seguintes **objetivos específicos**: compreender como o lúdico é desenvolvido nas aulas; Verificar a importância do lúdico para as crianças; Identificar quais atividades que mais ajudam para seu desenvolvimento; Compreender como as crianças interagem com os brinquedos; Perceber como se dá a socialização entre as crianças.

As **questões norteadoras** foram construídas a partir do problema da pesquisa, quais os tipos de atividades que podem ser praticadas com as crianças? Como se dá o desenvolvimento nas crianças? Como o lúdico contribui para a aprendizagem das crianças? E qual a importância das brincadeiras no espaço escolar.

O referencial teórico fundamentou-se em autores dentre os quais se destaca: Vygotsky (1988-1992), Kramer (1999), Wallon (1975-1989), Piaget (1971-1998), Volpato (2002), Kischimoto (2000), Áries (1981), entre outros, cujas teorias aplicam-se no processo de concepção de infância e desenvolvimento infantil.

Para a realização da presente pesquisa delineou-se alguns títulos e subtítulos que se constituem em: Uma abordagem histórica sobre a criança, Conceito de infância através dos tempos, Educação infantil e suas leis, Educação infantil e seu desenvolvimento, Conceituando o lúdico, Os benefícios da ludicidade na educação infantil, O que é jogo, O faz de conta, Brinquedo, brincadeira e suas histórias, Nas aulas de educação física a importância do lúdico, O jogo e a educação infantil, e Elementos que a criança desenvolve com o jogo.

A pesquisa apresentada é de natureza **descritiva** com caráter **qualitativo** e realizamos a técnica padronizada de coleta de dados, que foi o questionário semi-estruturado.

Quanto os sujeitos pesquisados foram escolhidos aleatoriamente nas escolas professores de Educação Física infantil. Selecionamos uma amostra simples e intencional, compreendida em quatro educadores. O instrumento de coleta de dados foi um questionário semi-estruturado composto por doze perguntas.

Este trabalho estrutura-se em seis capítulos sendo que os quatro primeiros trataram-se do referencial teórico, no seguinte apresentaram-se os procedimentos metodológicos e o último mostrou a análise de dados coletados apresentados em três categorias, seguidos das considerações finais, referências e apêndice.

A partir disso, vamos tornar evidente a importância do “lúdico” e como ele, os jogos, os brinquedos e as brincadeiras podem ser importantes para o desenvolvimento e para a aprendizagem das crianças.

2 ABORDAGEM SOBRE A CRIANÇA.

Este capítulo tem o objetivo de abordar os personagens desta pesquisa, ou seja, iremos falar sobre criança, infância suas obrigações, leis e seu desenvolvimento na educação, todos estes assuntos em referencia a ludicidade que é o principal tema aqui abordado.

2.1 Uma abordagem histórica da criança

Partindo do que nos retrata Áries (1981), quando nos fala que o conceito de criança apresenta a modificação conforme a transformação das concepções relacionadas às mudanças ocorridas na forma de organização social.

Ainda referendando Áries (1981), sobre a definição de criança podemos dizer que devemos entender que através dos tempos a criança se inseriu em vários lugares da sociedade, ou seja, passou desde um adulto em miniatura como era tratado até o século XII até nos dias atuais observando o lugar que ela ocupa na sociedade.

Assim sendo, na idade media, a infância acabava quando a criança era tirada do seio da mãe, que acontecia por volta dos seis a sete anos de idade, a partir daí a criança passava a ser integrada por definitivo no meio dos adultos, ou seja, participava de todas as ações dos adultos.

Neste contexto Áries (1981) nos fala que neste tempo a escola ainda não tinha se efetivado como atualmente, nesta época existiam as salas de estudo, que poderiam ser frequentadas por qualquer pessoa que tinham interesse de ler e aprender. Além destas salas não existia nenhum trabalho pedagógico específico para cada idade. “As classes de estudos livres podiam conter até duzentos alunos e pessoas de qualquer classe social tinham acesso, exceto meninas, que não podiam frequentar estas salas e eram educadas em casa”. (ÁRIES, 1981).

Ainda segundo Áries (1981), nesta época não havia distinção entre as classes e era normal o convívio em qualquer parte da sociedade. Neste tempo, os pais como pratica comum, mandavam seus filhos para casa de amigos mais

abastados ou a casa de mestres em algum ofício, afim de que se preparassem para a vida adulta futura.

Sendo assim, a relação criança-adulto, criança-criança e criança-sociedade não é natural nem imutável, mas sim o resultado da intervenção dos seres da sociedade, ou seja, a criança é aquilo que a sociedade almeja em seus futuros homens.

A idéia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrario, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se na sociedade feudal a criança exercia um papel produtivo direto assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passava a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois determinado historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade. (KRAMER, 1999, p. 18).

O conceito de criança atualmente vem evoluindo e desenvolvendo-se desde o século XV. Conforme o que nos descreve Áries (1981), neste período, podemos dizer que a criança até quatro anos de idade era acompanhada pelos pais e exercia seus momentos e ensejos de criança, assim sendo, sozinha ou jogando e brincando com outras crianças.

Após esta fase era inserida nas brincadeiras e jogos com adultos, retratando assim o conceito de eras passadas que eram tratadas como adultos em miniatura. “Até mesmo as formas das famílias da época em manifestar a afetividade eram diferentes das manifestações da atualidade, ou seja, o jeito de cuidar das crianças era diferente dos que estamos acostumados”. (ARIES, 1981).

Entre o final do século XV e início do século XVI, os cuidados com as crianças eram uma necessidade, ao ponto de que era cobrada da sociedade uma afetividade fraterna maior pelos filhos. Tal cobrança ia efetivando-se lentamente e a partir daí as crianças conseguem o direito de se aproximar mais de seus pais.

Contudo as formas de ver a criança, sua infância e suas características, mudam assim como as alterações sociais ocorridas atualmente. Como nos mostra o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCN (1998) que salienta o fato acima descrito e propõe como um desafio importante para a educação infantil.

Então, a partir do momento em que se obteve certo entendimento para da importância das experiências vividas da primeira infância foram originadas diversas políticas e programas. Com o intuito de promover e ampliar condições mínimas para

a plena vivência e execução da cidadania das crianças, que cada vez mais tem espaço nos dias de hoje, assim sendo, deixamos para trás uma época onde mal a criança podia exercer sua infância, mas que na contemporaneidade ela tem seu espaço e direitos que possam protegê-las.

2.2 Conceito de infância através dos tempos

Segundo os estudos de Áries (1981) a concepção de criança é construída culturalmente, socialmente e historicamente, a criança é moldada por uma representação sócio-cultural do que há em sua volta, assim vão exprimir as aspirações da sociedade e dos adultos que nela vivem.

O conceito de infância entendido como um período da vida muito diferente da idade adulta é uma invenção construída ao longo da era moderna, que conforme Áries (1981), antes disto, em décadas passadas, era o tempo que determinava a duração da infância. Ainda segundo este autor quando a criança saía do seu período mais frágil e adquirindo algum desenvolvimento físico era logo considerada como um adulto em miniatura. A partir daí partilhava com os adultos desde seus jogos até o trabalho. Então fica claro que na era medieval passavam uma idéia, representando a criança como um adulto em menor escala. (ARIES, 1981).

Segundo Kramer (1999), isto decorria da natureza da sociedade do sentimento de ser criança naquela época, a criança apenas era vista com diferença dos adultos pela força e tamanho, a sociedade nesta época mal enxergava a criança e menos ainda o adolescente.

Nesse contexto, a infância deixa de ser vista pela perspectiva natural, do ponto de vista biológico. De qualquer maneira, o interessante seria olharmos para a criança como um todo: com habilidades, limitações, potencialidades. Ao passo que adentramos a era moderna esta visão de criança e infância vai tomando rumos diferentes aos do passado, assim como antes as crianças não vivenciavam sua infância, hoje em dia tal posição está um pouco diferente, digo “um pouco”, pois, neste momento vivendo a globalização, modernidades, atualizações seqüenciais, ou seja, esta enorme transformação da sociedade, em termos políticos, sociais, humanitários, vimos e presenciamos diferentes formas de ser criança, diante disto,

ainda hoje nos deparamos com crianças que tem sua infância podada pelo capitalismo crescente, pela falta de projetos político-sociais, pelo descaso e o consumismo exacerbado atualmente. Isso em decorrência da criança estar inserida em uma família menos abastada, assim tendo de esperar por posições políticas e sociais para terem uma vida um pouco mais digna e melhor em se tratando do seu desenvolvimento.

Até por volta do século XII a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse a incompetência ou a falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância neste mundo. (ARIES, 1981, p. 50).

Conforme Áries (1981), até o fim do século XII, não existiam crianças caracterizadas por sua expressão particular, sendo retratadas então como homens de tamanho reduzido.

Partindo deste mesmo ponto de vista referendamos Fantin (2000) quando afirma que a criança era vista como um adulto em miniatura e não era considerada nas especificidades e necessidades que lhe são próprias.

Pode-se apresentar um argumento contundente para demonstrar que a suposta indiferença com relação à infância nos períodos medieval moderno resultou em uma postura insensível com relação à criação dos filhos. Os bebês abaixo de 2 anos, em particular, sofriam de descaso assustador, com os pais considerando pouco aconselhável investir muito tempo ou esforço em um “pobre animal suspirante”, que tinha probabilidades de morrer com pouca idade. (HEYWOOD, 2004, p. 87).

Ao contrario das famílias menos abastadas vimos às crianças que estão inseridas em uma classe que não depende de terceiros para oferecer-lhes benefícios, pois, estão inseridas em famílias mais auto-suficientes, cujos pais tomam, eles mesmos, iniciativas, desta forma vimos que estas crianças terão sua infância vivida plena e gradativamente, sem depender de projetos político-sociais. Assim sendo, cremos que sua infância é vivida no seu espaço biológico correto, não atropelando nenhuma fase da sua vida. Por isso percorre o caminho da educação, que começa em casa e vai até quando chega ao colégio. Deste modo, levando conhecimento de casa para a escola e da escola para casa, perfazendo assim o caminho da construção do cidadão que a sociedade bem entende. Ora, ao passo que a criança consegue desenvolver suas habilidades, anseios e descobrir seu próprio corpo, dá-se por ai o desenvolver correto da infância. (grifos meus)

Conforme Kramer (1999) somente em épocas recentes passou a existir a percepção das crianças como indivíduos com especificidades próprias, particulares e diferentes dos adultos, a maneira como a infância é vista atualmente é consequência das constantes transformações vividas na sociedade em que estão inseridas. Portanto é muito importante o entendimento destas transformações para poder compreender a dimensão que a infância ocupa. Por outro lado, tal percurso só foi possível este entendimento, pois, modificaram as maneiras de se pensar na sociedade, assim edificando a importância da infância atualmente.

Somente nos séculos XV, XVI e XVII, desenvolveu-se a percepção de que as crianças precisavam de tratamento especial, ou como nos relata Heywood (2004, p. 23): “uma espécie de quarentena, antes que pudessem integrar o mundo dos adultos, ora, a partir de então percebeu-se a necessidade da criança ter um espaço próprio, assim respeitando suas características e tempo de desenvolvimento”.

Tratasse de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconheciam. [...] A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pode ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar o número de nascimentos para melhor cuidar delas. (ARIES, 1981, p. 12).

Entendendo este contexto, podemos dizer naquilo que nos diz respeito ao conceito de infância no decorrer dos tempos, fica claro que a forma de como a infância é percebida acaba exercendo influência no processo de ensino aprendizagem da criança. Assim sendo, sentiu-se a necessidade de conhecer o conceito de criança através dos tempos.

2.3 A educação infantil e suas leis

A partir deste capítulo começamos a descrever sobre a legislação e a criança. Tomando como referência as leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) (2011) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990). Assim sendo na primeira ordem partimos do princípio de que a criança não é apenas

um ser psicológico, um ser que só é entendido apenas como uma miniatura de adulto, mas sim um ser inserido socialmente, pois pertence a uma classe social, possui cultura e vive um determinado momento na história.

Portanto é dever e direito de toda criança ter consciência e conhecimento de seus direitos, ser educada naturalmente pelos seus pais, pois atualmente são exaltados os direitos e deveres dos pais referentes aos filhos, mas, contudo às vezes ainda são deixados de lado.

O que nos mostra a infância de hoje é que reflete o momento histórico que a humanidade e principalmente nossa sociedade, está vivendo. Portanto, como nos relata Kramer (1999), “a criança é um ser político, à medida que se trata de um cidadão. Referenciando a legislação podemos entender que há uma explicitação, uma concretização, um direcionamento”.

Foi no início do século XX em favor dos direitos e deveres das crianças e adolescentes que foram tomadas algumas medidas. Neste enfoque, a legislação brasileira descreve que a criança tem direitos, leis que as protegem, porém na grande maioria dos casos não o desfrutam efetivamente. Tais leis formuladas e projetadas para serem praticadas efetivamente muitas vezes, se não na maioria dos casos, ficam apenas no papel, cabendo assim não só aos pais, mas aos educadores a lutar pelo cumprimento da prática dos direitos que a lei assegura, havendo ética entre as práticas e as intenções.

É considerada criança, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – 1990) o indivíduo de até doze anos de idade incompletos, cabendo a mesma gozar de todos os direitos fundamentais e inerentes a pessoa humana, assegurando-lhes, todas as oportunidades e facilidades, que possam facultar o desenvolvimento físico, moral, mental, espiritual e social.

Neste contexto é dever da sociedade em geral e da família assegurar os direitos referentes à saúde, a vida, a alimentação, a educação, ao esporte, ao lazer, a profissionalização, a cultura, a dignidade, ao respeito, a liberdade e a convivência familiar e comunitária.

Ainda neste enfoque como é descrito no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990) é dever de o Estado disponibilizar de forma gratuita e obrigatória o ensino fundamental, o atendimento em creches, pré-escolas as crianças com idade entre zero e seis anos, cabendo também a seus pais, o dever de matricular seus filhos na rede regular de ensino.

A criança e o adolescente têm direito a educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – direito de ser respeitado por seus educadores;

III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer a instâncias escolares superiores;

IV – direito de organização e participação em entidades estudantis;

V – acesso a escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo único: É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais. (ECA, 1990, cap. IV, Art. 53.).

Retratando-nos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, mais precisamente sobre a disciplina de Educação Física na educação infantil, podemos notar que há em sua escrita parte que referencia esta disciplina em seu texto.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A educação infantil será oferecida em:

I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II – pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental. (LDB, seção II, Art. 29, 30, 31.).

Contudo ao podemos ressaltar que apesar de parecer insuficiente os textos de leis sobre a educação física na educação infantil, devemos destacar o papel do educador que é de fundamental importância. O que fica claro aqui é que não devemos ter o professor como um salvador da pátria, mas sim alguém que disponibilizara base para esta criança. Devemos então não só deixar com que tais questões sejam apenas características do discurso em defesa da educação da criança pequena nos momentos políticos, mas trata-se apenas de dar, com a ampliação do acesso da criança à educação, um dos passos importantes para a construção difícil, penosa e lenta da autonomia e democratização da nossa sociedade.

2.4 Educação infantil e seu desenvolvimento

Relacionando as influências do ambiente e da cultura estabelecendo um tipo de relação e de interação entre o sujeito e seu meio ambiente, a partir daqui relato tipos de atividades que podem ser desenvolvidas com as crianças.

Para tanto, teremos como marco um determinado campo de relação da criança com o mundo. Abordando assim, o desenvolvimento da criança para significar e conhecer as características comuns desta fase da vida.

Como nos retrata Wallon (1975), a criança não é um adulto em miniatura, ao contrário, apresenta características próprias de sua idade, compreender isso é entender a importância do estudo do desenvolvimento humano. Embora sofrendo várias influências a criança apresenta ritmo próprio de princípios funcionando como determinante de todo o processo.

O estágio impulsivo emocional inicia no primeiro ano de vida e está ligado fortemente à emoção e a afetividade com as pessoas e a interação com o meio. Afirma também que o estágio sensório-motor, que se estende até o terceiro ano, se volta para exploração sensório motora do mundo físico. (WALLON, 1975, p. 74)

Desta forma podemos dizer que a criança conquista por meio da percepção todo o universo que a cerca, sente necessidade de explorar o espaço, porque é o momento em que o desenvolvimento da habilidade “andar” está no auge e a fala atinge uma verdadeira importância.

Conforme Piaget (1971), neste estágio a projeção está relacionada ao funcionamento mental que está florescendo na criança. É um período em que se utilizam atos motores para auxiliar a exteriorização do pensamento.

O conhecimento não pode ser concebido como algo pré-determinado desde o nascimento (inatismo), nem como resultado do simples registro de percepções e informações (empirismo). Resulta justamente das ações e interação do sujeito com o ambiente onde vive. Para ele o conhecimento é uma construção que vai sendo elaborado desde a infância através de interações do sujeito com os objetos que procura conhecer, sejam eles do mundo físico ou cultural. (PIAGET, 1971, p. 68).

Ainda segundo Piaget (1971), o desenvolvimento intelectual é enfatizado e divide os períodos de acordo com o aparecimento de novas qualidades do pensamento, o que por sua vez interfere no desenvolvimento global. Caracteriza também, cada período por aquilo que melhor o indivíduo consegue fazer nas diversas faixas etárias. Todos os indivíduos passam por todas essas fases ou períodos, nessa seqüência, porém o início e término de cada uma delas depende de características biológicas do indivíduo e de fatores educacionais e sociais. Portanto a divisão nessas faixas etárias é uma referência e não uma norma rígida.

Piaget (1971) caracteriza o período Sensório-motor do nascimento até os dois anos, neste período a criança conquista através da percepção e dos movimentos, todo o universo que a cerca, decorrendo o desenvolvimento inicial das coordenações e relações de ordem entre as ações, é o início de diferenciação entre os objetos e entre o próprio corpo e dos objetos. Aos 18 meses, mais ou menos, constitui-se a função simbólica.

No estágio sensório-motor conforme Piaget (1971), o campo da inteligência aplica-se a situações e ações concretas. Ao longo deste período, irá ocorrer na criança uma diferenciação progressiva entre o seu mundo e o mundo exterior. Se no início, o mundo era uma continuação do próprio corpo, os progressos da inteligência levam-no a situar-se como um elemento entre outros no mundo. Isso permite que a criança, por volta de, um ano, admita que um objeto continue a existir mesmo quando ela não o percebe no seu campo visual, mas continua a procurar ou pedir o brinquedo que perdeu, porque sabe que ele continua a existir. Sua integração no ambiente dá-se, também, pela imitação das regras, embora compreenda algumas palavras, mesmo no final do período só é capaz de falas imitativas.

Ainda segundo Piaget (1971), no período pré-operatório ou primeira infância o progresso mais importante que acontece é o aparecimento da linguagem, que irá acarretar modificações nos aspectos intelectual, afetivo e social da criança. As conseqüências mais evidentes da linguagem são sem dúvida suas interações e as comunicações entre os indivíduos. Com a formação da palavra, há possibilidades de exteriorização da vida interior e, portanto, a possibilidade de corrigir ações futuras. A criança já consegue antecipar o que vai falar.

Piaget (1971) ainda nos fala que é importante também considerar que, neste período, a maturação neurofisiológica completa-se, permitindo o

desenvolvimento de novas funções, como a coordenação motora-fina – pegar pequenos objetos com as pontas dos dedos, segurar o lápis corretamente conseguir fazer os delicados movimentos exigidos pela escrita.

Por outro lado, Vygotsky (1992), concebe o homem um ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, mas também como alguém que sente, se emociona, deseja, imagina e se sensibiliza. Não separa o intelecto do afeto, porque busca uma abordagem abrangente que seja capaz de entender o sujeito como uma totalidade.

Conforme Vygotsky (1992) é possível observar, na sua perspectiva, que cognição e afeto não se encontram dissociadas no ser humano, pelo contrário se inter-relacionam e exercem influência recíproca ao longo de toda história do desenvolvimento do indivíduo.

As características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são meros resultados das pressões do meio exterior. Elas resultam da interação dialética do homem e o seu meio sócio-econômico. Assim como o homem transforma o seu meio para atender suas necessidades, transforma-se a si mesmo, influenciando no seu comportamento futuro. (VYGOTSKY, 1992, p. 47)

Podemos dizer que a relação indivíduo/sociedade apresenta uma integração dos aspectos biológicos e sociais daquele que convivem.

A partir desse enfoque enfatizamos que as funções psicológicas especificamente humanas se originam nas relações do indivíduo e seu contexto cultural e social, ou seja, o desenvolvimento mental humano não é imutável, universal ou passivo, nem tão pouco independente do desenvolvimento e sim desenvolvido ao passo que vai adquirindo conhecimento.

3 LUDICIDADE

A partir deste capítulo tratamos de descrever sobre o tema principal desta pesquisa, o lúdico. Referente a este tema, relatamos elementos que estão inseridos em seu contexto como o jogo e o faz de conta, o benefício do lúdico para a educação infantil nas aulas de Educação física para as crianças.

3.1 Conceituando o lúdico

Conforme Almeida (1987), o lúdico tem sua origem na palavra latina ludus que quer dizer jogo. Se traduzido alienado em sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo.

Segundo Almeida (1987), a evolução do significado da palavra lúdico não estacionou apenas nas suas origens, mas caminhou junto às pesquisas de Psicomotricidade. De modo que sua definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. As implicações do lúdico ultrapassaram as linhas do brincar livremente. Passando a necessidade básica da personalidade, do corpo como um todo. O lúdico faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana, inclusive nas crianças caracterizando-se por ser espontâneo, funcional, satisfatório e prazeroso.

Neste mesmo contexto podemos citar Santin (1987), entendendo que a ludicidade é ação vivida e sentida, não podemos defini-la por escritos, podemos sim compreende-la pelo prazer, é um elemento tomado de fantasias, pela imaginação e pelos anseios que se integram com os materiais símbolos das crianças. Deste modo podemos dizer que não encontramos esse conceito em prazeres inalterados, no que é pronto, pois ludicidade não se concentra na singularidade do indivíduo, mas sim em sua totalidade e variadas formas de agir sobre a atividade que é vivenciada.

Deste modo entendemos que para ser funcional não deve ser relacionado com o repetitivo, com a monotonia do comportamento repetitivo, apresentando não ter um fim ou objetivo.

São aquelas atividades que propiciam uma experiência de plenitude, em

que nos envolvemos por inteiro, estando flexíveis e saudáveis. (LUCKESI, 2000, p. 19).

Brincadeiras, jogos, faz de conta, mundo imaginário, adequação da realidade ao mundo da criança, atividade que nos dá prazer, ou seja, estamos falando de ludicidade. Assim sendo, como nos relata Luckesi (2000), o lúdico é qualquer atividade que executamos e que nos dá prazer, qualquer atividade que enquanto fazemos temos espontaneidade em fazê-la, quando executamos tais atividades porque queremos, pôr puro interesse pessoal. Tal ensejo refere-se tanto à criança quanto o adulto. A partir daí é que começamos a notar a possibilidade, a facilidade, e a forma prazerosa de quando estamos brincando.

Nas atividades lúdicas como na vida há um grande número de fins definidos e parciais, que são importantes e sérios, porque, para consegui-los é necessário ao sucesso e conseqüentemente essencial a satisfação que o ser humano procura, a satisfação oculta, neste caso seria o de aprender.

Ao assumir a função lúdica e educativa, o brinquedo educativo merece algumas considerações:

1. Função lúdica: o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente; e
2. Função educativa: o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. (KISHIMOTO, 2000, p.37).

Como parte integrante da vida do ser humano, o lúdico é uma atividade vivida em todos os tempos, porém é um caso que surge e deve ser estudado e orientado como um dos aspectos fundamentais da estrutura social. Ao pesquisarmos as manifestações da vida através dos tempos, encontramos jogos e danças fazendo parte integrante de cerimônias religiosas, guerreiras, afetivas e cívicas. (Grifos meus)

Segundo Kishimoto (2000) a vida das crianças era uma oficina, centro de recreação e muitas vezes os jovens e os adultos estavam envolvidos na mesma atividade. Pensando a partir do mundo de hoje mais globalizado e modernizado notamos a evolução social e dos sistemas educacionais das grandes nações civilizadas, presenciamos o crescente interesse não só pela recreação de crianças e jovens, como pela orientação de atividades recreativas para adultos.

Ainda referenciando o autor, o objetivo primordial para a criança é a necessidade de crescer, a propulsão do desenvolvimento físico, mental e emocional

ao passo que é nesta fase em que jogo e trabalho se torna mais difícil de diferenciar.

Com isto entendemos que então, a ludicidade é tudo o que diverte e entretém o ser humano, neste caso a criança se envolve em uma ativa participação prazerosa. Um exemplo disto é quando entendemos que estudar é tanto mais proveitoso quanto mais jogo é para nós.

A ludicidade dá-se tanto em torno da necessidade do grupo como, das necessidades individuais, neste ensejo, recrear é educar, pois nos dá a possibilidade de criar, inventar, nos oferece ricas possibilidades culturais.

Neste ponto, segundo Kishimoto (2000), podemos dizer que a educação por meio do lúdico é provocar o sujeito por meio de atividades recreativas, ao qual a criança desenvolva seu poder de aprendizagem, ao passo que irá também desenvolvendo seus aspectos sensórios, motor, afetivo e cognitivos. É estimular as crianças a um infinito aperfeiçoamento.

Com isto esperamos que o educar embasado no lúdico atinja e desenvolva fortificando o corpo da criança a partir de um ponto de vista dinâmico e contribua para o seu aperfeiçoamento por meio de uma forma satisfatória e principalmente prazerosa.

3.2 Os benefícios da ludicidade na educação infantil

O corpo em movimento, as formas de expressão corporal, a maneira mais dinâmica de expressarem-se, formas prazerosas da prática de atividades, são estes aspectos que a educação física trabalha enquanto disciplina escolar. Podemos nos embasar em Antunes (1974) e observar que os conteúdos da Educação Física se dão através de esportes, danças, ginásticas e lutas. Ainda sobre Antunes (1974) podemos dizer que conhecemos nosso corpo a partir dos jogos, atividades de faz de conta e brincadeiras. Assim sendo compreendemos a importância do desenvolvimento corporal e sua função.

A Educação Física corresponde a uma nova expectativa, como linguagem e conhecimento a ser sistematizado.

Um de seus objetivos deve ser o desenvolvimento de atitudes e conceitos, como participação, cooperação, solidariedade, autonomia, criatividade, fraternidade, dentre tantos outros (ANTUNES, 1974, p. 64).

Ao inserir conteúdos lúdicos nas aulas de educação física o professor poderá trabalhar o ensino com o movimento, incluindo assim o aspecto lúdico, que não se prende a apenas jogos ou brincadeiras, mas sim a um aprendizado.

Segundo Antunes (1974), para trazer o lúdico até o espaço escolar é necessário um compromisso e iniciativa maior do educador, a atitude lúdica do educador e do educando, a forma de expressão e de comunicação utilizada nas atividades de aula. Porém, nem todas as escolas e professores não aproveitam a riqueza do conteúdo lúdico como instrumento que facilita a aprendizagem da criança. Pois a atividade lúdica é criada com vista à estimulação do desenvolvimento da aprendizagem na educação infantil. Assim sendo irá permitir a ação intencional, a afetividade, a construção de representações mentais, os aspectos lógicos e cognitivos, a manipulação de objetos e o desenvolvimento de ações sensório-motoras, também as trocas nas interações sociais, a qual ajudará no convívio com a sociedade e com outras crianças.

Ao estabelecer a interatividade com o outro, a criança inscreve-se em varias direções, rumo a construção de sua identidade afetiva, social e pessoal, definindo-se como ser que brinca e que tem na ludicidade, sua mais alta forma de conhecer o mundo e suas implicações. (SANTOS 2008 apud ROJAS, 2006, p. 40).

Neste contexto podemos entender que a inserção do lúdico na educação infantil é uma proveitosa ferramenta de passar o universo real dos adultos para o faz de conta das crianças, passando assim nossos conhecimentos e formas de agir e interagir. A brincadeira estimula o uso da memória, ajuda a desenvolver vários aspectos da criança como o motor, cognitivo, afetivo e social.

A ludicidade é indispensável ao ser humano seja em qualquer idade que for e não somente pode ser vista como diversão, pois a partir do lúdico o ser humano aprende de uma forma diferente, porem com os mesmos fins, o desenvolvimento do lúdico facilita, principalmente nas crianças, a aprendizagem do desenvolvimento pessoal, social e cultural para uma saúde mental e física.

É enorme a influencia do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés

de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos externos. (VIGOTSKY, 1988, p. 109)

O lúdico enfatiza uma proposta de promover a alfabetização significativa na prática educacional, pois através das características de conhecimento do mundo, incorpora seu conhecimento. O lúdico além de promover o rendimento escolar, ainda tem significativo crescimento no desenvolvimento da fala, do pensamento e no sentimento.

3.3 O que é jogo?

O jogo é elemento integrador, há sempre um caráter de novidade, o que é fundamental para despertar o interesse da criança, e na medida em que joga ela vai se conhecendo melhor, construindo interiormente o seu mundo.

Quando se diz a palavra jogo cada um pode entendê-la de modo diferente. Pode-se estar falando de jogos políticos, de adultos, de crianças, de animais ou de amarelinha, de xadrez, de adivinhas, de contar histórias, de brincar de "mamãe e filhinha", de dominó, de quebra-cabeça, de construir barquinho e uma infinidade de outros. (Kishimoto, 2000, p. 105).

O jogo faz parte da escola, principalmente nas séries iniciais da educação infantil. Neste contexto nos deparamos que quando a criança chega à escola, já traz em sua bagagem, ou seja, de casa a experiência e conhecimento vividos a partir jogos e brincadeiras vivenciados por seus familiares, portanto como educadores não podemos excluir nem deixar de lado tais conhecimentos que foram aprendidos ao longo da sua vida até a chegada na escola.

Segundo Antunes (1974), podemos dizer que o jogo tem a função principal na aprendizagem do aluno, assim sendo os professores tem o objetivo do estímulo das crianças, para que ocorra o desenvolvimento da aprendizagem. Entendemos que tal mudança se dará pelo educador, partindo do aluno o interesse pelo conhecimento.

Destacamos ainda sobre Antunes (1974) que o jogo além de proporcionar estímulos, leva a novas descobertas criadas pelas crianças, assim, desenvolvendo e

enriquecendo sua personalidade, sem a necessidade de separar brincadeiras da atividade séria.

Contudo, podemos observar que hoje em dia a concepção do mundo em relação a este assunto, está completamente mudada. A maioria dos filósofos, antropólogos, sociólogos concordam que o jogo faz parte de uma atividade e que estão inseridos nestas atividades os estímulos e objetivos de descobertas sobre a vida. Tal ensejo tem o intuito de criar momentos com o qual possa trazer entusiasmo e alegria no desenvolvimento da criança, assim levando a criança ao caminho da descoberta da individualidade.

Neste contexto podemos afirmar que o jogo é uma atividade de extrema utilidade, pois é também a partir do jogo que a criança desenvolve sua aprendizagem, onde a criança satisfazendo sua necessidade de brincar acaba aprendendo mais rapidamente e sua capacidade de gravar os acontecimentos é mais permanente. O jogo é agente promotor da capacidade e potencialidade que a criança desenvolve e que ocupa lugar na prática pedagógica. É necessário que desde o começo, quando começa a freqüentar a escola, a criança tenha condições de participar de atividades que deixem florescer o lúdico.

O desequilíbrio provoca duas situações: não há mais ensino, há apenas jogo, quando a função lúdica predomina ou, o contrario, quando a função educativa prevalece elimina todo hedonismo, resta apenas ensino. (KISHIMOTO, 2000, p. 19).

Ainda segundo Kishimoto (2000), o equilíbrio entre o jogo e suas funções, possuindo um fim em si mesmo e o objetivo proposto pelo professor, seria o ideal para o jogo na educação.

Quando a natureza do jogo é respeitada, podemos utilizá-lo na escola tanto como um recurso para o fim educativo quanto como um elemento responsável e importante para o desenvolvimento integral da criança.

O que faz do jogo um jogo e da brincadeira uma brincadeira, é a possibilidade que a criança tem de tomar decisões, de combinar regras, de negociar papeis, de agir de maneira transformadora sobre os conteúdos significativos para ela, de ter liberdade e prazer. Isso possibilita que a criança torne-se cada vez mais autônoma, mais consciente de suas ações. (VOLPATO, 2002, p. 98).

Contudo podemos dizer que o importante no jogo é o prazer que a criança tem de realizar tal atividade, e ao mesmo tempo, cabe ao educador observar o desenvolvimento pretendido no processo educativo.

3.4 O que é o faz de conta?

Podemos dizer que, segundo Japiassu (2007), o faz-de-conta é uma atividade de grande complexidade, uma atividade lúdica que libera o uso da imaginação criadora. Pelo faz-de-conta a criança pode reviver situações que lhe causam excitação, idolatria, alegria, medo, tristeza, raiva e ansiedade.

A transformação da realidade adulta num momento de idolatria por parte da criança, uma representação de papéis, ou seja, a brincadeira de faz de conta, ou conhecida como simbólica.

A criança pode a partir daí, neste elemento mágico, expressar e desenvolver as fortes emoções. Assim sendo, ao desenvolver suas ações nas brincadeiras explorar as diferentes representações que tem destas situações difíceis, podendo melhor compreendê-las ou reorganizá-las.

Neste contexto podemos destacar como um simples exemplo de tal atividade quando a criança impedida de dirigir o automóvel do pai, o imita no faz de conta que dirige um carro.

O faz de conta é uma atividade psicológica altamente complexa apoiada em uma função psíquica superior; a imaginação criadora é acionada nessa atividade lúdica pela impossibilidade de satisfação instantânea de desejos do sujeito; o faz de conta articula, no sujeito, as dimensões: afetivo-emocional, psicomotora, sócio-comunicativa e cognitiva; ao mesmo tempo em que a imaginação criadora é condição necessária para o faz de conta, ela é constituída, fortalecida e ampliada por ele. (JAPIASSU, 2007, p. 33-34).

De acordo com Volpato (2002), a origem dos jogos de faz de conta é social, o surgimento do faz de conta esta relacionado ao conceito social da criança na sociedade. Assim sendo, podemos dizer que o faz de conta da criança é a mesmo tempo o que anseia pelo que tem ao seu redor. Encontra-se ainda

relacionado de certa forma com a construção de nossa sociedade no que diz respeito à divisão do trabalho.

Podemos dizer ainda sobre este contexto que tal elemento em questão, o faz de conta, e sua teoria são de suma importância, porque a criança transfere o mundo real para o mundo imaginário. São nestas brincadeiras que as crianças sanam seus desejos de, às vezes, se valer da maioria. Ainda neste ponto podemos destacar que as regras fazem parte desta situação, pois quando imita seu avô que anda a cavalo, há um desejo de fazer igual, ou seja, dentro do que o avô fazia a criança irá fazer imediatamente o mesmo.

Partindo deste princípio observamos nos dizeres de Santin (1987) que num levantamento recente feito espontaneamente em acampamentos dos sem terra, foi constatado que as crianças brincavam de fazer assembleias, de invadir propriedade ou de se esconder da repressão policial.

Neste contexto a criança por sua vez está inserida em um mundo de fantasias, de histórias de super-heróis, de ídolos na sua própria família, isso tudo representa um enorme desafio à compreensão da criança, pois a partir daí começa a perceber a realidade do mundo vivido em sua volta. Assim sendo pode ela representar esses personagens com todos os seus apetrechos, ou seja, o cinturão com super poderes do super-herói, o cavalo do avô, o carro do pai, o brincar de dona de casa como a mãe, enfim, traz para sua realidade, neste caso o “faz de conta”, a realidade que observa em sua volta.

A criança imagina-se como mãe e a boneca como criança e, dessa forma, deve obedecer às regras do comportamento maternal. [...] sempre que há uma situação imaginária no brincar (faz de conta), há regras, não são regras previamente formuladas e que mudam durante o jogo, mas aquelas que têm sua origem na própria situação imaginária. Portanto, a noção de que uma criança pode agir em uma situação imaginária sem regras é simplesmente incorreta. (VYGOTSKY, 1992, p. 125).

A respeito deste contexto, podemos ainda dizer que é normal que a criança comece a desenvolver situações imaginárias que inicialmente são bem próximas a uma situação real, um exemplo disto é quando a criança brinca como se fosse pegar o carro e sair para o trabalho, repetindo assim, exatamente o que seu pai faz todos os dias.

A criança interioriza modelos que apanha na vida real, dentro destas brincadeiras de “faz de conta”, que a partir daí auxiliam a construir conceitos sobre

os temas das brincadeiras. É na situação imaginária que o brinquedo objeto cria uma zona de desenvolvimento proximal que impulsiona conceitos e processos de desenvolvimento, assim sendo é de profunda importância o desenvolvimento do lúdico, aqui indicado pelo “faz de conta”, na educação das crianças.

Sendo assim podemos destacar a importância desta brincadeira do imaginário, do faz de conta na educação das crianças, pois assim podem expressar seu cotidiano, podem expressar suas vontades, ainda que despercebidas por elas próprias. A partir do faz de conta criam suas próprias regras e princípios dentro das brincadeiras, transformam o real no imaginário, seus anseios alcançados nesta brincadeira de faz de conta, ou seja, o faz de conta nada mais é do que uma brincadeira, de uma imitação, de uma idolatria ou mesmo a vontade que a criança tem de ser o que deseja.

4 BRINCADEIRAS

A partir destes parágrafos procuramos destacar o brinquedo e as brincadeiras que estão inseridas na vida das crianças. Seu conceito, a importância do seu uso na educação das crianças.

4.1 Brinquedo, brincadeira e suas histórias

Conforme pesquisas feitas em vários meios de comunicação, podemos notar que os brinquedos surgiram na Europa, onde se originaram das mãos dos mais diferentes artesãos da época. Neste contexto, podemos referendar Velasco (1996), onde desde os primórdios os brinquedos evocam as mais sublimes lembranças. Tornam-se objetos mágicos nas mãos das crianças, que vão passando de geração a geração.

Diferindo do jogo, o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização.

O brinquedo contém sempre uma referência ao tempo de infância do adulto com representações vinculadas pela memória e imaginações. O vocábulo brinquedo não pode ser reduzido à pluralidade de sentidos do jogo, pois conota a criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. Enquanto objeto, é sempre suporte de brincadeira.

Conforme Velasco (1996), o brinquedo é a oportunidade de desenvolvimento. Brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades. Além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, proporcionam o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração e da atenção.

O brinquedo traduz o real para a realidade infantil. Suaviza o impacto provocado pelo tamanho e pela força dos adultos, diminuindo o sentimento de impotência da criança. Brincando, sua inteligência e sua sensibilidade estão sendo desenvolvidas.

A qualidade de oportunidade que estão sendo oferecidas à criança através de brincadeiras e de brinquedos garante que suas potencialidades e sua afetividade se harmonizem.

O prazer não pode ser considerado a característica definidora do brinquedo, como muitos pensam. O brinquedo na verdade, preenche necessidades, entendendo-se estas necessidades como motivos que impelem a criança à ação. São exatamente estas necessidades que fazem a criança avançar em seu desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1988, p. 54)

Neste contexto segundo Kishimoto (2000), a brincadeira é alguma forma de divertimento típico da infância, isto é, uma atividade natural da criança, que não implica em compromissos, planejamento e seriedade e que envolve comportamentos espontâneos e geradores de prazer. Brincando a criança se diverte, faz exercícios, constrói seu conhecimento e aprende a conviver com seus amiguinhos.

A brincadeira pode ser aprendida quando transmitida à criança através de seus próprios familiares ou de pessoas próximas como seus amigos de forma expressiva, de uma geração a outra, ou pode ser aprendida pela criança de forma espontânea.

É a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras de jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação. Dessa forma brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo. (KISHIMOTO, 2000, p. 85).

Para a criança, a brincadeira gira em torno da espontaneidade e da imaginação. Não depende de regras, de formas rigidamente estruturadas. Para surgir basta um material, um brinquedo, uma bola, um espaço para correr ou apenas um risco no chão.

Segundo Vygotsky (1988), entendemos que a imaginação, a regra e a imitação são características da brincadeira. Estão presentes em todos os tipos de brincadeiras, tanto nas tradicionais, nas críticas, naquelas de faz-de-conta.

A brincadeira não é um mero passatempo, ela ajuda no desenvolvimento das crianças, seja ele afetivo, social, cognitivo ou educativo promovendo processos de socialização e descoberta do mundo. (MALUF, 2003, p. 108).

Ainda como nos aponta Maluf (2003), o jogo pode ser visto como o resultado de um sistema lingüístico que funciona dentro de um contexto social, um sistema de regras e um objeto. O sentido do jogo depende da linguagem de cada contexto social. Enquanto fato social, o jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui. É este aspecto que nos mostra porque, dependendo do lugar e da época, os jogos assumem significações distintas.

Assim sendo Maluf (2003) esclarece que um sistema de regras permite identificar, em qualquer jogo, uma estrutura seqüencial que especifica sua modalidade. Tais estruturas seqüenciais de regras permitem diferenciar cada jogo, ou seja, quando alguém joga, esta executando as regras do jogo e, ao mesmo tempo, desenvolvendo uma atividade lúdica. Também se pode referir ao jogo enquanto objeto. Os três aspectos citados permitem uma primeira compreensão do jogo, diferenciando significados atribuídos por culturas diferentes, pelas regras e objetos que o caracterizam.

Através do jogo, segundo Maluf (2003), a criança libera e canaliza suas energias, tem o poder de transformar uma realidade difícil, propicia condições de liberação da fantasia, é uma grande fonte de prazer. O jogo é, por excelência, integrador, há sempre um caráter de novidade, o que é fundamental para despertar o interesse da criança, e à medida que joga ela vai conhecendo melhor, construindo interiormente o seu mundo. Esta atividade é um dos meios mais propícios à construção do conhecimento.

4.2 Nas aulas de educação física, a importância do lúdico

O enfoque na avaliação lúdica é um dos muitos caminhos onde a criança inicia o processo de adaptação à realidade através de uma conquista física, aprendendo a lidar de forma cada vez mais coordenada, flexível e intencional com seu corpo.

De acordo com Fantin (2000, p. 83.) “o brincar é uma aprendizagem, que se baseia na imaginação e a enriquece”. Portanto, podemos dizer que é de suma importância o desenvolvimento de uma consciência lúdica no ambiente da educação infantil.

A brincadeira é o elemento onde podemos destacar a descoberta das crianças, suas fantasias, elevam sua imaginação e afloram sua criatividade, tornando os propícios a novas realidades vividas.

As atividades lúdicas têm um papel muito importante na estrutura psíquica da criança, pois é no ato de brincar que a criança utiliza elementos onde a ludicidade que ela desenvolve não é só a imaginação, mas também promove competência cognitiva e interativa, ou seja, é a linha que liga o imaginário do mundo real.

A grande importância do jogo para o desenvolvimento da personalidade da criança reside no fato de que os processos psíquicos se elevam a uma escala superior graças ao desenvolvimento de sua personalidade e sua consciência. No jogo a criança toma consciência de si mesma, aprende a desejar e a subordinar o seu desejo, seus impulsos afetivos passageiros e suas ações a um determinado comportamento. (FANTIN, 2000, p. 45).

A partir daí podemos comprovar a influência positiva das atividades lúdicas no ambiente da educação infantil, pois seu conteúdo é desafiador, rico em oportunidades e experiências para o crescimento das crianças.

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado inferior fértil, facilita os processos de atualização, comunicação expressão e construção do conhecimento. (SANTOS, 2000, p. 28).

Desta forma estamos convictos que a convivência de forma lúdica e prazerosa com a aprendizagem proporcionará a criança estabelecer relações cognitivas às experiências vivenciadas, bem como relacioná-la as demais produções culturais e simbólicas conforme procedimentos metodológicos compatíveis a essa prática.

Segundo Santos (2000), entendemos que as crianças apresentam a vontade de brincar, ou seja, é uma característica natural das crianças. Neste contexto podemos dizer que o brincar enquanto um processo proporciona uma ética na aprendizagem em que as necessidades básicas das crianças podem ser satisfeitas.

Ainda referendando Santos (2000), entre tais necessidades das crianças estão incluídas as necessidades de praticar, escolher, preservar, imitar, imaginar, dominar, adquirir confiança e competência, de adquirir novos conhecimentos,

habilidades, pensamentos e entendimentos; de criar, observar, experimentar, cooperar, memorizar e lembrar, de se comunicar, expressar, interagir com as outras crianças e com os adultos também, de conhecer e valorizar a si mesmo e as próprias forças e entender as limitações pessoais.

Assim sendo, entendemos que o processo de construção da criança na escola se dá de variadas formas e a atividade lúdica tem uma destacável importância, creio que neste contexto tal atividade seja a de maior valia.

A criança concebe o grupo em função das tarefas que o grupo pode realizar, dos jogos a que pode entregar-se com seus camaradas de grupo, e também das contestações, dos conflitos que podem surgir nos jogos onde existem duas equipes antagônicas. (WALLON, 1975, p. 210).

De acordo com Piaget (1998), podemos dizer que o jogo faz parte do desenvolvimento psicomotor da criança, sendo assim objeto fundamental no processo de construção da passagem do abstrato para o concreto.

É importante ressaltarmos que o educador tem fundamental papel em todas as etapas do desenvolvimento da criança, assim sendo seus conhecimentos e estudos devem ser usados como uma importante ferramenta que irá facilitar o desenvolvimento infantil.

Neste contexto, podemos dizer que o professor é aquele que faz a mediação do conhecimento e que busca novas formas de estar interagindo e transformando o mesmo, neste sentido o educador terá sempre a teoria ligada na prática.

De acordo com Claparede (1954), podemos entender que a partir da concepção de criança que temos e de sua capacidade de se desenvolver de maneira autônoma, a intervenção do educador é de extrema importância.

Assim sendo, podemos compreender a partir dos pensamentos do autor referido acima que o educador deve estar envolvido com esta causa.

Com esta idéia podemos partir dos escritos de Almeida (1987), em que o educador tem de ter preparo para as atividades lúdicas com as crianças e a educação infantil tem que estar preparada para receber estas crianças, é a atividade que a criança aprende através dos brinquedos, brincadeiras e jogos, é o momento de ajudar no seu desenvolvimento.

Ainda neste contexto, podemos dizer que a educação lúdica possibilita para as crianças brincadeiras livres, ao passo que o educador esteja acompanhando, atividades que desenvolvam varias habilidades no ato de brincar, é uma forma de obter-se conhecimento que são desenvolvidos na elaboração do pensamento individual.

Com isso, a educação das crianças a partir da ludicidade desenvolve inúmeras funções cognitivas e sociais. Neste contexto não só a atividade lúdica, mas sim também o educador deve contribuir para o desenvolvimento da criança, pois, de nada adianta a atividade proposta sem ter seu orientador. Por isso, cabe ao educador estar sempre atualizado e integrado com o que acontece ao seu redor, estar sociabilizado com as crianças, prever o que a sociedade almeja de seus filhos, seus futuros homens da sociedade.

Alem do educador, outro papel fundamental na educação das crianças é a escola, por ser este um local propicio e especificamente desenvolvido para este fim.

A escola deve visar a desenvolver as funções intelectuais e morais, muito mais do que empanturrar o crânio com massa de conhecimentos inoperantes, morando na memória como corpos mortos, sem relação com a vida. (CLAPAREDE, 1954, p. 95).

Portanto, mais do que uma instituição transmissora de conhecimentos, a escola deve permitir e buscar o desenvolvimento pleno daqueles que nela se encontram.

Com isso podemos concluir a grande importância do lúdico, seu educador e da escola nas aulas de educação infantil, para tanto devemos dizer que ludicidade, educação, educador, crianças e escola tem de estar sempre ligada, ao passo que um ira completar o outro.

4.3 O jogo e a educação infantil

Com base para avaliar como o jogo contribui no desenvolvimento da criança, inicio discutindo como se contextualiza o jogo.

O jogo tem a função principal na aprendizagem do aluno e o professor tem o objetivo de estimular as crianças para uma transformação em relação ao ensino, para que ocorra a aprendizagem. Esta mudança ocorrerá pelo agente facilitador, neste caso o professor, partindo da criança o interesse pela busca dos conhecimentos.

Destaco ainda que o jogo além de proporcionar estímulos, ajuda a criança criar novas descobertas, desenvolvendo e enriquecendo sua personalidade, sem a necessidade de separar brincadeiras da atividade séria.

Jogo é o que o vocabulário científico denomina “atividade lúdica”, quer essa denominação diga respeito a um reconhecimento objetivo por observação externa ou ao sentimento pessoal que cada um pode ter, em certas circunstâncias, de participar de um jogo. O adjetivo lúdico nasceu de ludo, cuja origem está no latim ludus, que se traduz por “jogo”, “divertimento” e passatempo. (BROUGERE, 1998, p. 82).

O brincar enquanto elemento promotor da capacidade e potencialidade da criança deve ocupar um lugar especial na prática pedagógica, tendo como espaço privilegiado, a sala de aula. Permitindo uma participação social maior e mais livre. É necessário que desde a pré-escola, as crianças tenham condições de participarem de atividades que deixem florescer o lúdico.

Sendo assim, as brincadeiras podem abrir espaços para o jogo da linguagem e a imaginação se configurando como possibilidade da criança forjar novas formas, conceber a realidade social e cultural em que vivem, além de servir como base para a construção de conhecimentos e valores. Isto faz com que o brincar seja uma grande fonte de desenvolvimento e aprendizagem.

O jogo para a criança é o exercício, é a preparação para a vida adulta. A criança aprende brincando, é o exercício que a faz desenvolver suas potencialidades. Pois é brincando que a criança evolui intelectualmente, e o meio mais agradável e lógico de levar uma criança a aprender, é através do lúdico. (LOPES, 2001, p. 57).

Os jogos são ferramentas indispensáveis no desenvolvimento infantil, porque para a criança não há atividade mais completa do que o brincar. Através da brincadeira, ela é introduzida no meio sociocultural do adulto, constituindo-se num modo de assimilação e recriação da realidade.

É inegável o valor do jogo na formação da personalidade e na instrução da criança e do adolescente. Além de dar expansão ao seu desenvolvimento intelectual e afetivo é ainda um alegre e maravilhoso “faz de conta” que o induzirá à criatividade e à execução das tarefas que irá desempenhar dentro de seu contexto escolar. (ANTUNES, 1974, p. 91).

Brincar é mais que uma atividade sem significado para a criança. Brincando, ela não apenas se diverte, mas interpreta o mundo em que vive. Quando brinca, a criança aprende: regras, respeitar, direitos e deveres, entre outros conceitos. Por isso cada vez mais aumenta o número de educadores que tem a brincadeira, ocupando um lugar de destaque no espaço escolar. O clima da recreação é o da confiança que apaixona e que garante resultados de alta qualidade educativa.

A criança quando brinca está desenvolvendo sua área física, mental e social. Satisfazendo as necessidades fundamentais do ser humano, levando-o a se adaptar melhor ao meio.

Se ela proporcionar meios de aperfeiçoar habilidades, aumentar conhecimentos, estabelecer contatos sociais agradáveis, então haverá satisfação mais profunda e conseqüente continuidade. (SCHIMIDT, 1969, p. 102).

Podemos dizer que o jogo, recreação e as brincadeiras fazem parte de um relacionamento, para o organismo e mente, sendo feito num processo individual ou em grupo.

4.4 Elementos que a criança desenvolve com o jogo

Entendemos que, segundo Piaget (1998), o brincar e o jogar são atos indispensáveis à saúde física, emocional e intelectual e sempre estiveram presentes em qualquer povo desde os mais remotos tempos. Através deles, a criança desenvolve a linguagem, o pensamento, a socialização, a iniciativa e a auto-estima, preparando-se para ser um cidadão capaz de enfrentar desafios e participar na construção de um mundo melhor. O jogo, nas suas diversas formas, auxilia no processo ensino-aprendizagem. Tanto no desenvolvimento da motricidade fina e ampla, bem como no desenvolvimento do pensamento, da imaginação, da

interpretação, a tomada de decisão, a criatividade, o levantamento de hipóteses, a obtenção e organização de dados e a aplicação dos fatos e dos princípios a novas situações que, por sua vez, acontecem quando jogamos, quando obedecemos a regras, quando vivenciamos conflitos numa competição.

O jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral. Através dele se processa a construção de conhecimento, principalmente nos períodos sensório-motor e pré-operatório. (PIAGET, 1998, p. 62).

Agindo sobre os objetos, as crianças, desde pequenas, estruturam seu espaço e seu tempo, desenvolvendo a noção de casualidade, chegando à representação e, finalmente, à lógica. As crianças ficam mais motivadas para usar a inteligência, pois querem jogar bem, esforçam-se para superar obstáculos tanto cognitivos como emocionais.

O jogo não é simplesmente um passatempo para distrair os alunos, ao contrário, corresponde a uma profunda exigência do organismo e ocupa lugar de extraordinária importância na educação escolar. Estimula o crescimento e o desenvolvimento, a coordenação muscular, as faculdades intelectuais, a iniciativa individual, favorecendo o advento e o progresso da palavra. Estimula a observar e conhecer as pessoas e as coisas do ambiente em que se vive. Através do jogo o indivíduo pode brincar naturalmente, testar hipóteses, explorar toda a sua espontaneidade criativa.

O jogo é essencial para que a criança manifeste sua criatividade, utilizando suas potencialidades de maneira integral. É somente sendo criativo que a criança descobre seu próprio eu. (TEZANI, 2004, p. 28).

O jogo é mais importante das atividades da infância, pois a criança necessita brincar, jogar, criar e inventar para manter seu equilíbrio com o mundo. Segundo Tezani (2004) podemos dizer que a importância da inserção e utilização dos brinquedos, jogos e brincadeiras na prática pedagógica é uma realidade que se impõe ao professor. Assim, não podemos ter uma visão que o brinquedo apenas se limita ao lazer, mas são elementos que podem promover a aprendizagem e o desenvolvimento. Brinquedos não devem ser explorados apenas para lazer.

Ainda segundo Tezani (2004), podemos dizer que através dos jogos e brincadeiras, o educando encontra apoio para superar suas dificuldades de aprendizagem, melhorando o seu relacionamento com o mundo. Os professores precisam estar cientes de que a brincadeira é necessária e que traz enormes contribuições para o desenvolvimento da habilidade de aprender e pensar.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir deste capítulo abordaremos quais os métodos, técnicas, instrumentos utilizados para a obtenção dos dados da temática do presente trabalho: A importância do lúdico na educação infantil.

5.1 Metodologia

Segundo Lakatos e Marconi (2001) os métodos de procedimentos seriam etapas mais concretas da investigação, com a finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos menos abstratos. Pressupõem uma atitude mais concreta em relação ao fenômeno e estão limitadas a um domínio particular.

Sobre este mesmo contexto Gil (1999) nos fala que os procedimentos metodológicos esclarecem acerca dos procedimentos técnicos a serem utilizados, proporcionariam ao investigador os meios adequados para garantir a objetividade e a precisão no estudo das ciências sociais.

A metodologia faz parte das etapas desta pesquisa tornando-se elemento de extrema importância. Sendo fundamental no aspecto de alcançar os objetivos, quais os métodos utilizar e seus procedimentos, ou seja, os caminhos de como chegar ao objetivo de modo mais seguro.

5.2 Caracterização da pesquisa

A pesquisa apresentada é de natureza descritiva com recorte qualitativo. Referenciando Diehl e Tatim (2004), podemos dizer sobre a pesquisa que são inúmeros os estudos que podem ser classificados como pesquisa descritiva e uma de suas características mais significativas é a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como questionário e observação sistemática.

Pelos estudos de Chizzotti (1998) a pesquisa qualitativa descreve o sujeito através do método histórico-antropológico, que avalia dados e conhecimentos vivenciados pelo sujeito, de acordo com seu contexto cultural. O objeto do estudo não é inerte ou neutro, mas esta permeado de significados que surgem para esse sujeito nas relações com o mundo que o cerca.

5.3 População dos sujeitos pesquisados

Quanto os sujeitos pesquisados para a realização da pesquisa, primeiramente nossa intenção era de pesquisar educadores que tivessem o perfil requerido, que é o de ser professor (a) de Educação Física atuante na Educação Infantil, que atuasse no município de Balneário Gaivota, S.C. sendo este o mesmo município em que reside o pesquisador, porém, como pudemos constatar nas Ceis firmadas neste município não existem professores de Educação Física, portanto, foram escolhidos professores de educação física que atuam na educação infantil no município vizinho desta localidade, Sombrio S.C. e que dentre 8 professores existentes que atuam na educação infantil, foram escolhidos aleatoriamente nas escolas 4 professores de Educação Física que trabalham com a educação infantil.

5.4 Amostra

Para a coleta dos dados da pesquisa foram pesquisados 4 professores que atuam no município de Sombrio, sendo eles da rede pública de ensino. Selecionamos uma amostra simples e intencional, composta por elementos da população selecionados intencionalmente pelo pesquisador, foram escolhidos educadores que tiveram disponibilidade em responder o questionário.

5.5 Instrumentos para levantamento dos dados e sua operacionalidade

Referenciando Martins e Lintz (2000), podemos dizer que o pesquisador deve planejar o questionário, delineando cuidadosamente o objeto a ser alcançado, buscando algum conhecimento prévio sobre o entrevistado, atentando para os itens que o entrevistado supostamente deseja esclarecer. Deve ainda criar condições favoráveis ao bom desenvolvimento da entrevista.

Para a realização do presente trabalho, utilizou-se como instrumento de pesquisa um questionário semi-estruturado conforme apêndice “A” composto por 12 indagações sobre a temática do trabalho.

Posteriormente com os dados coletados em mãos, organizamos um quadro com as respostas conforme apêndice “B”, para facilitar a compreensão e análise de dados, ou seja, deu-se continuidade no desenvolvimento do trabalho com mais consistência e objetividade em relação a proposta inicial. A análise foi realizada a partir do embasamento teórico dando mais veracidade e cientificidade ao tema selecionado nesta pesquisa acadêmica.

Por fim, com base na leitura dos dados coletados foram elencadas três categorias para a análise da pesquisa, que serão apresentadas no próximo capítulo.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo vamos tratar da análise e discussão dos dados coletados decorrentes do resultado do questionário aplicado.

Para isso tais dados foram coletados por meio dos professores de educação física atuantes na educação infantil.

A partir disto, o objetivo desta etapa consiste em analisar e discutir acerca da importância da ludicidade na educação infantil, o que as crianças fazem nas aulas e observar o conhecimento dos educadores no que se delimita a criança e a prática pedagógica, a partir das falas dos professores.

Neste contexto, a partir das respostas dadas elencamos três categorias:

A) COMPREENSÃO DA INFÂNCIA E SEU DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

B) LUDICIDADE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA.

C) O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL E O FAZ DE CONTA.

6.1 Categoria A – Compreensão da infância e seu desenvolvimento na educação infantil

Áries (1981) descreve que a criança não é vista por muitos como um conjunto de potencialidades pré-determinadas a serem desenvolvidas e nem como um indivíduo a ser controlado, mas sim um indivíduo com determinadas características biológicas que está em pleno crescimento a se fazer um adulto. Assim sendo permitimos dizer que o conceito de infância está relacionado ao contexto sócio-histórico.

Neste mesmo contexto ainda referendando Áries (1981), podemos dizer que a criança em tempos passados era considerada um adulto ainda que em miniatura, logo quando passava seu período de fragilidade era colocada no meio dos

afazeres adultos. Contudo podemos observar que antes a infância da criança era caracterizada com as atividades, jogos e brincadeiras adultas.

Assim sendo, observamos que nos dias de hoje devemos olhar a criança em sua infância como um todo, um ser com potencialidades, habilidades a serem desenvolvidas e limitações a serem vencidas.

Por sua vez, foram questionados os professores de Educação Física que trabalham com as crianças, sobre qual o conceito que tem sobre infância, e as respostas foram as seguintes:

"Infância e o momento da vida do ser humano onde ele brinca, questiona e aprender sem as preocupações da vida adulta"; (Educador A).

"A infância é a fase do descobrimento do ser humano, o reconhecimento dos sentimentos, das bases concretas para a formação do adulto no futuro. É a fase das fantasias, das alegrias, dos amores, dos sorrisos inocentes, do brincar e da criação, do descobrir que eu posso realizar algo com meu corpo e ser alguém muito especial perante a sociedade." (Educador C).

Ao adentrarmos a era moderna esta visão de infância vai tomando rumos diferentes aos do passado. Hoje em dia tal posição esta um pouco diferente, digo "um pouco", pois, estamos vivendo uma modernização acelerada, atualizações seqüenciais, pouco espaço para ser criança, ou seja, esta enorme transformação da sociedade, em termos políticos, sociais, humanitários. Vimos e presenciamos diferentes formas de ser criança, ante isto, ainda hoje nos deparamos com crianças que tem sua infância podada pelo capitalismo crescente, pela falta de projetos político-sociais, pelo descaso e o consumismo exacerbado atualmente.

Podemos nos basear em Áries (1981), quando podemos concluir que em épocas passadas a infância era desconhecida, ou seja, fica difícil pensarmos que este desconhecimento ou a inexistência da infância se desse pela falta de habilidades ou competências, pelo que vimos hoje é mais fácil crer que naquela época não existisse lugar para a infância.

Ao contrario das famílias menos abastadas vimos às crianças que estão inseridas em uma classe que não depende de terceiros para oferecer-lhes benefícios, pois, estão inseridas em famílias mais auto-suficientes, cujos pais tomam

iniciativas, desta forma vimos que estas crianças terão sua infância vivida plena e gradativamente, sem depender de projetos político-sociais.

Assim sendo, creio que a infância deva ser vivida no espaço e tempo correto, não atropelando nenhuma fase da sua vida, por isso percorre o caminho da educação, que começa em casa e vai até quando chega ao colégio. Perfazendo assim o caminho da construção do cidadão que a sociedade bem entende, ora, ao passo que a criança consegue desenvolver suas habilidades, anseios e descobrir seu próprio corpo, dá-se por aí o desenvolver correto da infância.

Neste contexto podemos destacar a fala de alguns professores:

"É viver a vida intensamente ser uma eterna criança, brincar, rir, ser feliz". (Educador B).

"É o começo da vida, onde a criança se descobre, brinca, imagina seu futuro, é a fase onde deve ser vivida intensamente". (Educador D).

Portanto é muito importante o entendimento das transformações que a criança vem tendo durante os tempos para podermos compreender a dimensão que a infância ocupa.

O que é tão importante quanto estes conceitos é que educadores se sintam satisfeitos e empolgados em ministrar sabedorias a seus alunos, porém, ao passo que muitos educadores se sintam felizes em ministrar suas aulas, com prazer, vontade e anseios, vimos por outro lado, que outros muitos vão ao desencontro destas premissas.

Neste contexto, nos questionamentos realizados para este trabalho podemos constatar o que relatamos acima:

"Pela oportunidade de participar da formação dos Cidadãos do Futuro". (Educador A).

"Necessidade, identificação e poucas opções". (Educador B).

"Até agora somente surgiu a educação Infantil". (Educador C).

"Única oportunidade disponível". (Educador D).

Podemos constatar que, além de professores que não possuam vocação para o trabalho com crianças, notamos que ao mesmo passo, existem poucas oportunidades para os professores. Assim sendo, com o mercado de trabalho escasso, os professores estão sujeitos a qualquer oportunidade que surgir.

Relacionando as influências do ambiente, da cultura e estabelecendo um tipo de relação e de interação entre o sujeito e seu meio ambiente, podemos traçar objetivos a serem desenvolvidos com a educação infantil.

Na visão de Wallon (1975) a criança não fica alienada a um adulto em miniatura como era visto antigamente, mas sim um individuo de características próprias. A partir daí a compreensão disto por parte dos educadores é entender a importância do estudo do desenvolvimento humano.

Desta forma podemos elencar alguns professores no que dizem sobre seus objetivos:

"Trabalhar a formação da coordenação motora, bem como a parte cooperativa". (Educador A).

"Trabalhar coordenação motora, e a socialização". (Educador D).

Pelo meio da percepção a criança conquista todo o universo que a cerca, sente necessidade de explorar o espaço.

Nesta fase a projeção está relacionada ao funcionamento mental que está florescendo na criança. É um período em que se utilizam atos motores para auxiliar a exteriorização do pensamento.

Desta forma podemos mencionar os dizeres dos professores:

"Com o objetivo que os alunos cheguem às series iniciais com base, porque a educação Infantil é o alicerce, tem de ser bem trabalhado". (Educador B).

"Trabalhar a expressão corporal e autonomia das crianças". (Educador C).

Podemos dizer neste contexto que uma boa base na educação infantil a criança ira levar através de seu tempo na escola. O educador terá de trabalhar aspectos relevantes para que seus alunos principalmente da educação infantil, cheguem as series posteriores com certa noção. Pois é nesta fase que a criança ira memorizar as atividades e aprimorá-las nas series seguintes.

A partir deste contexto enfatizamos que as funções psicológicas especificamente humanas se originam nas relações do individuo e seu contexto cultural e social, ou seja, o desenvolvimento mental humano não é imutável,

universal ou passivo, nem tão pouco independente do desenvolvimento e sim desenvolvido ao passo que vai adquirindo conhecimento.

6.2 Categoria B – Ludicidade como pratica pedagógica

A definição de lúdico deixou de ser um simples sinônimo de jogo, esta concepção ultrapassou os limites do brincar. O lúdico faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana, especialmente nas crianças, caracterizando-se assim por ser espontâneo, funcional, satisfatório e prazeroso.

Porem, ainda constatamos professores que vão ao desencontro destas ideologias, como vimos na fala de um professor:

"Atividades em formas de brincadeiras". (Educador B).

Assim sendo, por esta definição temos a ideia de que o lúdico como uma pratica escolar é apenas ministrar brincadeiras, ou seja, nos parece uma forma um pouco solta, parecendo sem objetivos.

Podemos dizer que a ludicidade têm em sua essência as brincadeiras, jogos, faz de conta, mundo imaginário, tudo isto vinculado à realidade do mundo da criança. Assim sendo, lúdico é qualquer atividade que executamos e que nos de prazer, qualquer atividade que enquanto fazemos temos espontaneidade em fazê-la, quando executamos tais atividades porque queremos, pôr puro interesse pessoal.

Desta forma, pelos questionamentos feitos aos professores, podemos elencar o que o professor "D" nos descreveu:

"É a atividade que desencante o prazer aos praticantes, sem regras fixas". (Educador D).

Assim nas atividades lúdicas na educação infantil temos de desvendar uma satisfação que as vezes passa despercebida, a satisfação oculta neste caso seria o de aprender.

Ao assumir a função lúdica e educativa, o brinquedo educativo merece algumas considerações:

1. **Função lúdica:** o brinquedo propicia diversão, prazer e ate desprazer, quando escolhido voluntariamente; e
2. **Função educativa:** o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o individuo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. (KISHIMOTO, 2000, p.37)

Ao que entendemos nas falas dos professores:

"Ludicidade, no meu ponto de vista são jogos, brincadeiras e atividades que visam o simples participar sem preocupações com resultados, onde a espontaneidade é a principal regra". (Educador A).

"É o aluno saber se expressar corporalmente e mentalmente através da fantasia". (Educador C).

Ao pesquisarmos as manifestações da vida através dos tempos, encontramos jogos e danças fazendo parte integrante de cerimônias religiosas, guerreiras, afetivas e cívicas.

No que tange este contexto temos os professores dizendo:

"Estimular a criatividade, as crianças gostam de criar suas próprias brincadeiras". (Educador A).

"Atividades que envolvam a socialização coletiva, as crianças gostam mais de brincar". (Educador B).

"Dança, expressão corporal, verificar a autonomia deles, as crianças gostam de tudo que é proposto". (Educador C).

"Diversas atividades, brincadeiras, elas gostam mais de atividades de correr, pegar, pelo que vejo, atividades que desenvolvam a motricidade". (Educador D).

Neste contexto, com a globalização e modernização mundial notamos a evolução social e dos sistemas educacionais das grandes nações civilizadas, presenciamos o crescente interesse não só pela recreação de crianças e jovens, como pela orientação de atividades recreativas para adultos.

Para mencionarmos uma educação através de conteúdos devemos seguir algum preceito, uma prática de ensino, que na educação física se dá por meio de práticas pedagógicas.

Pelas observações dos professores quando atuam, podemos notar que alguns educadores se fazem valer destas práticas pedagógicas e as levam a sério, porém, existem professores que não levam estas práticas como se fosse regra. Não que os professores tenham que seguir uma única prática do início da sua carreira

ate o fim, mas, para um bom entendimento e para firmar fácil entendimento cremos que tais educadores devam tomar por base de suas aulas uma pratica pedagógica.

Podemos observar nas falas dos professores que em sua grande maioria segue uma pratica pedagógica que se define por critica emancipatoria:

"Nenhuma". (Educador A).

"Critico emancipatoria". (Educador B, C e D).

No que diz respeito sobre a teoria critico emancipatoria podemos dizer que esta abordagem propõe um modelo de superação das contradições e injustiças sociais, diante do caráter da Educação Física.

Para o autor Kunz (2001), o ensino deve se basear numa concepção crítica, no qual o aluno cria sua visão de mundo, que apresentam a partir de seus conhecimentos. Baseado numa perspectiva crítico-emancipatória, professor defende o ensino crítico, pois é a partir dele que os alunos passam a compreender os processos da sociedade, assim a educação crítica tem como tarefa, promover condições para possibilitar o uso da linguagem.

O papel do professor na concepção crítico- emancipatória confronta o aluno com a realidade do ensino, ou seja, ensinar pela transcendência, no qual os alunos descobrem pela própria experiência com finalidade de entender o significado cultural da aprendizagem.

6.3 Categoria C - O desenvolvimento educacional e o faz de conta

Podemos nos espelhar em Vygotsky (1992) e dizer que o faz-de-conta é uma atividade lúdica que libera o uso da imaginação criadora. A criança pode reviver situações que por um lado trouxeram algum tipo de sentimento para ela.

Embasado neste contexto podemos dizer que faz de conta é transformar a realidade adulta para a sua realidade, ou seja, ao passo que não pode exercer o que um adulto faz, a criança transmite este anseio para a sua vida.

Citando Volpato (2002), podemos dizer que a criança utiliza o faz de conta para sua inteiração com o que esta em seu redor, com o mundo.

Com isto os educadores que responderam aos questionamentos, descreveram que o faz de conta estimula alguns elementos e anseios, pelo que vemos a seguir:

"O Faz de conta estimula a criatividade, espontaneidade, desenvolve habilidades físicas, as crianças aprendem a lidar com as próprias emoções, melhoram as relações interpessoais além é claro do puro e simples prazer de brincar". (Educador A).

"Processo de linguagem". (Educador B).

"É a formação do adulto no futuro". (Educador C).

"Estimulação da criatividade". (Educador D).

A criança pode neste elemento mágico, expressar e desenvolver as emoções. Sendo assim, pode também estimular a convivência social, reproduzem uma linguagem de fácil entendimento em seu meio.

No faz de conta a regra na é fixa, portanto, a partir daí se adapta ao convívio social, ao anseio que esta criança tem pelo poder fazer.

Deste modo nos cabe dizer que um simples exemplo desta atividade se dá quando brincam, numa atividade coletiva, quando imitam uma embarcação de piratas, trazendo para o seu mundo o que viram na televisão.

Neste caso, o faz de conta faz parte da vida da criança. Por isso o educador tem de identificar as etapas do desenvolvimento, analisar seus aspectos, assim pode contribuir e muito para o desenvolvimento correto da criança aplicando o conteúdo certo a cada etapa da formação. Levando em consideração não só o que temos na escola, mas trazendo a cultura que a criança aprendeu em casa, na escola e fora da escola.

Nos questionamentos aos professores pode-se constatar esta idéia:

"Atividades que aprimoram as habilidades naturais (Andar, Correr e pular), jogos cooperativos e atividades que incentivam a criatividade. As aulas são sempre práticas e participativas". (Educador A).

"Psicomotricidade, recreação e faz de conta". (Educador B).

"Dança, expressão corporal, jogos e brincadeiras (folclóricas) e atividades circenses". (Educador C).

*"Brincadeiras, atividades de recreação, sempre aulas praticas".
(Educador D).*

A partir daí cremos que o professor deva organizar suas aulas, com tempo e no espaço pedagógico. O que delimitamos de espaço não deve apenas ser um simples lugar, mas sim este deve ser o lugar onde a criança ira melhor desenvolver suas potencialidades, habilidades e ira ultrapassar os limites, sendo este espaço o ginásio, a sala de aula, o pátio, a sala de vídeo.

Quanto ao aspecto de espaço vimos diferentes formas de atuação das aulas como nas falas dos professores a seguir:

"Espaço utilizado - (X) outro (pátio)". (Educador A).

*"Espaço utilizado - (X) sala de aula (X) ginásio (X) outro (pátio)".
(Educador B).*

"Espaço utilizado - (X) sala de aula (X) outro (pátio)". (Educador C).

*"Espaço utilizado - (X) sala de aula (X) ginásio (X) outro (pátio)".
(Educador D).*

Diante destes fatos, para o bom e legal andamento das aulas, em seu cotidiano geral entre alunos e professores deve haver respeito mutuo, sem preconceitos. Cabe ao professor fazer com que o grupo interaja por inteiro, sanado as deficiências do grupo.

Ao passo em que as posições dentro da aula ocupem lugares diferentes, pois, para um bom encaminhamento da aula podemos nos embasar no COLETIVO DE AUTORES (1992), quando diz que todo professor tem de ser um pouco aluno e todo aluno deve ser um pouco professor.

Neste contexto podemos destacar a fala dos professores:

Os educadores A, B, C e D responderam que tem um "ótimo relacionamento com os alunos". (Educadores A, B, C e D).

E quanto ao relacionamento entre os alunos em uma escala de "ruim a ótimo", três professores responderam que há um relacionamento "bom" entre eles. (Educadores A, B e C). Por outro lado um professor observa que se da num nível "ótimo" o relacionamento entre os alunos. (Educador D).

No quesito de relacionamento aluno-professor todos os educadores assinalaram como "ótimo" suas relações com os alunos. (Educadores A, B, C e D).

Desta forma, de um modo geral, observamos que o relacionamento entre sujeitos na escola não possui diferenças. De certa forma pelas respostas obtidas podemos refletir que o professor tem plena convicção e discernimento capaz de sanar os problemas que aparecem no cotidiano.

Assim sendo, cremos que além de os professores regerem a aula com autoridade para manter a turma integrada, os ensinamentos ocorrem da maneira correta.

7 CONCLUSÃO

Com base nos objetivos da pesquisa e por meio dos apontamentos realizados no decorrer do desenvolvimento deste, pode-se perceber que o universo lúdico é muito rico, fascinante e importante para a criança.

Com o presente trabalho buscamos visualizar e demonstrar a importância do lúdico no espaço da educação infantil. Buscou-se analisar e compreender o lúdico enquanto elemento pedagógico na vida escolar das crianças, suas brincadeiras e jogos dentro do ambiente escolar.

Assim sendo entendemos que a Educação Física neste período da educação infantil deve se apropriar do lúdico como importante elemento auxiliador do desenvolvimento da criança.

A proposta foi desenvolvida por acreditar na importância do lúdico como uma forma de aquisição de conhecimentos e desenvolvimento das crianças, além de facilitar o seu convívio social.

Desta forma, pode-se afirmar que o lúdico é um recurso que merece consideração tanto no ambiente familiar quanto escolar, já que sua utilização permite a criança experimentar situações desafiadoras para sua motricidade, inteligência e criatividade. Enquanto brinca a criança passa a conhecer melhor o meio em que vive e o mais importante, a si mesma, desenvolvendo suas capacidades cognitivas e emocionais sem sentir-se forçada a isso.

Observamos que ao longo dos anos os conceitos de criança e infância vêm sofrendo influência do comportamento e da visão social. Os pais não vêm mais seus filhos como seres desprovidos de vontades e características próprias, ou como objetos sujeitos as vontades dos adultos.

Atualmente as famílias estruturam-se sobre a figura da criança, com sonhos, planos, desejos, todos baseados na felicidade e desenvolvimento da criança e na busca de um futuro melhor para a mesma.

Nessa pesquisa, o brincar e o jogar contribuem positivamente para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças e tem relação direta com o processo ensino-aprendizagem, pois tem em sua essência o caráter educativo.

Assim é fundamental destacar a importância do brincar e do jogo na educação infantil e cabe ao educador organizar e orientar as atividades para o melhor desenvolvimento da educação infantil.

O desenvolvimento do presente trabalho e a aplicação da pesquisa permitiram perceber que o conceito de infância e suas alterações ao longo dos anos estão inseridos nos conhecimentos dos professores.

Os educadores se aproveitam do lúdico como uma ferramenta auxiliar e utilizam-se do mesmo para contemplar a educação oferecida as crianças, mas além disso, os professores tomam o lúdico como uma referência do modo que a criança se sente, se vê, do que gosta, como pensa e principalmente sua realidade fora do espaço escolar.

Pode-se constatar que a ludicidade está inserida nas atividades que a criança desenvolve no espaço escolar e os educadores entendem a importância destas atividades para seu desenvolvimento.

Quanto aos espaços pedagógicos, os entrevistados reconhecem sua importância para uma prática afetiva e prazerosa e também que a escola tenha várias situações de espaço, para assim várias opções de ministrar suas aulas.

Pode-se concluir também que ao passo que alguns educadores escolheram o trabalho com a educação infantil por anseio e vontade, temos por outro lado poucas opções de trabalho, assim sendo vimos neste meio pessoas que as lidam com a educação infantil apenas por não terem oportunidade em outra prática pedagógica.

Portanto, entendo que o conhecimento que aqui foi explanado é amplo e que mediante a importância do tema pesquisado deve ser considerado como fato relevante para o desenvolvimento infantil. Assim sendo o faz de conta, os brinquedos, os jogos mostram-se elementos chaves para que este desenvolvimento ocorra de forma prazerosa e correta para as crianças.

O presente trabalho não teve objetivo de esgotar o tema proposto e sim de demonstrar sua importância no contexto escolar, além de despertar interesse para o desenvolvimento de pesquisas futuras quanto a ludicidade como uma ferramenta pedagógica de grande utilidade e sua importância no desenvolvimento infantil.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica técnicas e jogos pedagógicos**. 5 Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1987.

ANTUNES, Celso. **Ludopedagogia**: guia didático para prática de ensino e metodologia. São Paulo, SP: Editora do Brasil, 1974.

ÁRIES, Philippe. **Historia Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaksmann. Rio de Janeiro: 1981.

BROUGERE, Gilles. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRASIL Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. **Lei n@ 8069, DE 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA**.

BRASIL Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n@ 9394. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em 24 set. 2011.

BRASIL Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC, 1998.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo, SP: Cortez, 1998.

CLAPAREDE, Edouard. **A educação funcional**. 4 Ed. São Paulo, SP: Editora Nacional, 1954.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca**: um mergulho no brincar. 3ª. Ed. São Paulo, SP: Vetor, 2001.

DIEHL, Astor Antonio. TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas.** São Paulo, SP: Prentice-Hall, 2004.

FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil.** Florianópolis, SC: Cidade futura, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 Ed. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média á época contemporânea no Ocidente.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf

JAPIASSU, Ricardo. **A Linguagem teatral na escola: pesquisa docência e pratica pedagógica.** Campinas, SP: Papyrus, 2007.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **O jogo e a educação infantil.** 4ª Ed. São Paulo, SP: Cortez, 2000.

KRAMER, Sonia. **Infância e educação infantil.** Campinas, SP: Papyrus, 1999.

KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino e mudanças.** 2.Ed. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2001.

LAKATOS, E. M: MARCONI M. de A. **Metodologia do trabalho científico.** Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6 Ed. São Paulo, SP: Atlas, 2001.

LOPES, Maria da Glória. **Jogos na Educação: criar, fazer, jogar.** São Paulo, SP: Cortez, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese.** Salvador, BA: Gepel, 2000.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar, prazer e aprendizado.** 2ª Ed. Rio de Janeiro, RJ. Vozes, 2003.

MARTINS, Gilberto de Andrade. LINTZ, Alexandre. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. 1 Ed. São Paulo, SP: Atlas, 2000.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1998.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo**. São Paulo, SP: Zahar, 1971.

ROJAS, Juciara. **O Lúdico na construção interdisciplinar da aprendizagem: uma Pedagogia do Afeto e da Criatividade na Escola**. Rio de Janeiro, RJ: ANPED, 2002. Disponível em: <www.anped.org.br/25/excedentes25/jucimararojast07.rtf> Acesso em: 15 ago. 2006.

SANTIN, Silvino. **Educação física Uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí, RS: Unijui, 1987.

SANTOS, Marcell D'andréa. **A Linguagem Lúdica no registro Avaliativo do Educador de Infância**. 2008. 106 p. Mestrado. UFMS. Campo Grande M.S. Disponível em: <<http://www.fllipe.ufms.br/producao/Linguagem%20L%FAdica%20-%20Marceli.pdf>>. Acesso em: 02 de julho de 2011.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (org). **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2000.

SCHIMIDT, Maria Junqueira. **Educar pela Recreação: para pais e educadores**. Rio de Janeiro, RJ: Agir, 1969.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. **O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos**. 2004. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=621>. Acesso no dia 02 de maio de 2011.

VOLPATO, Gildo. **Jogo, brincadeira e brinquedo: usos e significados no contexto escolar e familiar**. Florianópolis, SC: Cidade futura, 2002.

VELASCO, Cacilda Gonçalves. **Brincar: o despertar psicomotor**. Rio de Janeiro, RJ: Sprint Editora, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo, SP: Ícone, 1992.

WALLON, Henri. **Psicologia da Educação e da Infância.** Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1975.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança.** São Paulo, SP: Manole, 1989.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUADRO 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL COLETADOS SOBRE OS PROFESSORES

1. Qual sua formação? Em que instituição? Ano? Faz formação continuada?
<p>A) Graduado em Educação Física, Unesc, 2006, não;</p> <p>B) Graduado em Educação Física, Unesc, 2001, sim;</p> <p>C) Graduado em Educação Física, Unesc, 2010, sim;</p> <p>D) Graduado em Educação Física, Ulbra, 2009, sim;</p>
2. Qual seu vínculo empregatício aqui nesta instituição, ACT ou efetiva (o)?
<p>A) ACT</p> <p>B) ACT</p> <p>C) ACT</p> <p>D) ACT</p>
3. Quanto tempo de trabalho nesta área?
<p>A) 9 anos</p> <p>B) 14 anos</p> <p>C) 2 anos</p> <p>D) 4 anos</p>

QUADRO 2 – DADOS ACERCA DOS CONHECIMENTOS DOS PROFISSIONAIS QUESTIONADOS

4. Porque escolheu a educação infantil?
<p>A) Pela oportunidade de participar da formação dos Cidadãos do Futuro;</p> <p>B) Necessidade, identificação e poucas opções;</p> <p>C) Ate agora somente surgiu a educação Infantil;</p> <p>D) Única oportunidade disponível.</p>
5. Qual seu objetivo (professor) do trabalho com Educação Física na educação infantil?
<p>A) Trabalhar a formação da coordenação motora, bem como a parte cooperativa.</p> <p>B) Com o objetivo que os educandos cheguem nas series iniciais com base, porque a educação Infantil é o alicerce, tem de ser bem trabalhado</p>

<p>C) Trabalhar a expressão corporal e autonomia das crianças;</p> <p>D) Trabalhar coordenação motora, e a socialização.</p>
<p>6. Qual a concepção pedagógica que segue?</p>
<p>A) Nenhuma;</p> <p>B) Critico emancipatoria;</p> <p>C) Critico emancipatoria;</p> <p>D) Critico emancipatoria.</p>
<p>7. Quais os conteúdos desenvolvidos na Educação Física infantil, quanto ao procedimento nas aulas, sua metodologia de ensino?</p>
<p>A) Atividades que aprimoram as habilidades naturais (Andar, Correr e pular), jogos cooperativos e atividades que incentivam a criatividade. As aulas são sempre práticas e participativas;</p> <p>B) Psicomotricidade, recreação e faz de conta;</p> <p>C) Dança, expressão corporal, jogos e brincadeiras (folclóricas) e atividades circenses;</p> <p>D) Brincadeiras, atividades de recreação, sempre aulas praticas.</p>
<p>8. Como é o cotidiano do trabalho de Educação Física infantil na escola, em relação aos elementos de gestão da aula: espaço, relacionamento professor-aluno, aluno-aluno e aluno-professor?</p>
<p>A) Espaço utilizado: pátio; Relacionamento professor-aluno: ótimo; Relacionamento aluno-aluno: bom; Relacionamento aluno-professor: ótimo;</p> <p>B) Espaço utilizado: sala de aula, ginásio, pátio; Relacionamento professor-aluno: ótimo; Relacionamento aluno-aluno: bom; Relacionamento aluno-professor: ótimo;</p> <p>C) Espaço utilizado: sala de aula, pátio; Relacionamento professor-aluno: ótimo; Relacionamento aluno-aluno: bom; Relacionamento aluno-professor: ótimo;</p> <p>D) Espaço utilizado: sala de aula, ginásio, pátio; Relacionamento professor-aluno: ótimo; Relacionamento aluno-aluno: ótimo; Relacionamento aluno-professor: ótimo;</p>
<p>9. O que mais gosta de fazer com as crianças? Dentre as atividades o que mais eles gostam?</p>

- A) Estimular a criatividade, as crianças gostam de criar suas próprias brincadeiras.
- B) Atividades que envolvam a socialização coletiva, as crianças gostam mais de brincar;
- C) Dança, expressão corporal, verificar a autonomia deles, as crianças gostam de tudo que é proposto.
- D) Diversas atividades, brincadeiras, elas gostam mais de atividades de correr, pegar, pelo que vejo, atividades que desenvolvam a motricidade.

10. O que é a ludicidade para você?

- A) Ludicidade, no meu ponto de vista são jogos, brincadeiras e atividades que visam o simples participar sem preocupações com resultados, onde a espontaneidade é a principal regra;
- B) Atividades em formas de brincadeiras;
- C) É o aluno saber se expressar corporalmente e mentalmente através da fantasia;
- D) É a atividade que desencanta prazer aos praticantes, sem regras fixas.

11. Quando as crianças brincam de faz de conta, qual o benefício para a formação das mesmas?

- A) O Faz de conta estimula a criatividade, espontaneidade, desenvolve habilidades físicas, as crianças aprendem a lidar com as próprias emoções, melhoram as relações interpessoais além é claro do puro e simples prazer de brincar;
- B) Processo de linguagem;
- C) É a formação do adulto no futuro;
- D) Estimulação da criatividade.

12. O que é a infância para você?

- A) Infância é o momento da vida do ser humano onde ele brinca, questiona e aprende sem as preocupações da vida adulta;
- B) É viver a vida intensamente ser uma eterna criança, brincar, rir, ser feliz;
- C) A infância é a fase do descobrimento do ser humano, o reconhecimento dos sentimentos, das bases concretas para a formação do adulto no futuro. É a fase das fantasias, das alegrias, dos amores, dos sorrisos inocentes, do brincar e da criação, do descobrir que eu posso realizar algo com meu corpo e ser alguém muito especial perante a sociedade.
- D) É o começo da vida, onde a criança se descobre, brinca, imagina seu futuro, é a fase onde deve ser vivida intensamente.

ANEXOS

Anexo A: Carta de apresentação

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – UNA
HCE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CARTA DE APRESENTAÇÃO

A disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC faz parte da matriz curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da Unesc, desde o ano de, portanto é requisito para a conclusão do mesmo.

Neste sentido apresentamos o(a) acadêmico(a) Jaison Casagrande Benedet da 8ª fase, do curso e solicitamos sua autorização para realizar a pesquisa (coleta de dados) em sua instituição.

Informamos que é mantida a ética da pesquisa, resguardando o nome da instituição e dos participantes, para que sejam fidedignas as respostas, a pesquisa atinja seus objetivos e tenha validade científica.

Agradecemos pela sua atenção e contribuição com o desenvolvimento da ciência.

Atenciosamente,

Prof.....

Coordenador(a) do TCC do Curso de Educação Física

Criciúma _____ de _____ de 20____.

Anexo B: Consentimento livre e esclarecido

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – UNA HCE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TEMA: Atividades Lúdicas e as contribuições para a educação infantil

OBJETIVO: Questionario

Por favor, leiam atentamente as instruções abaixo antes de decidir se deseja participar do estudo.

O projeto Tema: “Atividades Lúdicas e as contribuições para a educação infantil”, deseja investigar s professores que atuam nesta área.

Justifica-se este projeto pela necessidade de novas evidencias científicas para formação de professores.

1. Será realizada a aplicação de questionário semi-estruturado com os pesquisados, sendo os pesquisadores o orientador e o orientando.
2. Participarão do estudo apenas os voluntários selecionados que devolverem o termo de consentimento informado, autorizando a sua participação no estudo de forma voluntária.
3. Se houver alguma dúvida a respeito, favor contatar com o professor coordenador da pesquisa professor Elisa Fatima Stradiotto, pelo telefone (.....) ou pelo endereço eletrônico@unescc.net ou com o orientando(a) pelo telefone (.....) ou pelo endereço eletrônico@unescc.net.
4. O participante terá liberdade de encerrar a sua participação a qualquer momento no projeto, ficando apenas com o compromisso de comunicar um o responsável pelo projeto de sua desistência, para que a pesquisa não seja prejudicada.
5. Caso concorde em participar desta pesquisa realizando as avaliações e o período de treinamento proposto pelo estudo, assine e entregue ao responsável este termo de consentimento. Este consentimento será arquivado juntamente com as demais avaliações.

Antecipadamente agradecemos a colaboração.

Prof. Elisa Fatima Stradiotto
Coordenador da pesquisa

Orientando Jaison Caagrande Benedet.....
Responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa

Eu, _____ declaro-me ciente das informações sobre o estudo: “Atividades Lúdicas e as contribuições para a educação infantil” e concordo em participar como voluntário.

Assinatura do pesquisado (a)

Assinatura do acadêmico